

Francisco Ferro – “Sono, Sonho e Desejo” no Centro Cultural Emmerico Nunes - Sines

9março | 4maio, 2013

(de 2.ª a sábado das 14.00 às 18.00)



Largo do Muro da Praia, n.º 1 . 7520-151 Sines | Tel.: 26 908 45 74 | Tlm.: 91 482 77 13
cceemmericonunes@gmail.com | <http://www.ccen.pt/index.php> | <http://cceemmericonunes.blogspot.pt>

Sono, Sonho e Desejo

Somos postos por estas telas de Francisco Ferro perante três temas aqui estreitamente ligados e cruzados: o Sono, o Sonho e a Sexualidade, ou melhor, as Sexualidades.

O sono é uma forma de acção ao contrário do que parece a uma observação desatenta. Na sua dimensão fisiológica não pode ser considerado uma inactividade, um tempo perdido, algo de negativo, um mau negócio, se se entende que o tempo é dinheiro e se quer recorrer a uma metáfora económica tão pertinente nestes dias tempestuosos de restrições gerais, de cortes constantes, de domesticação económica das nossas vidas e expectativas a coberto da Medeia da crise. Na realidade, é o sono um tempo de recuperação, de descanso reparador para criar as condições de um novo surto de actividade. Esta dimensão positiva do sono é frequentemente esquecida pelos que, sempre preocupados com não “perder tempo”, esquecem que a vida é essencialmente um perder o tempo da nossa pessoal ampulheta que implacavelmente vai gastando a magra porção de areia-tempo que a vida nos destinou.

Não é o sonho um exclusivo da noite. Esta, que também tem como seu símbolo o sono, é a imagem poética da Morte. No entanto, também se sonha de dia – e a maior parte daquilo que se tornou acto, obra monumental ou até mais humilde edifício, tem na razão arquitectónica e desperta, sonhadora, inventora e até fantasista, a sua fonte. O sonho liga-se desta forma estreitamente à acção e à obra de que é uma espécie de antevisão e projecto.

“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce”, podemos ler em Pessoa – e esta mesma obra e este conjunto de telas, dados à nossa leitura, são eles o resultado de um sonho desperto, a cada momento organizado, corrigido e encaminhado pela mão do Artista, da qual “a obra nasce”.

Do Sonho escreve António Gedeão que “Eles não sabem que o sonho ...”. Mas quem são estes “Eles” assim caídos logo no início do poema? Os que não sonham? Os que não são poetas? Os que, governando-se, nos desgovernam? Os que, abdicando de viver, baixaram os braços? Quem são estes “Eles”? Somos nós, os domesticados e despersonalizados pela lógica implacável dos *media*?

Há, recorda-se, entre o Sono e a Morte uma estreita relação alegórica e até simbólica – o primeiro é frequentemente uma figura da segunda. Mas o sono, por princípio, contém sempre uma expectativa de acordar, de regresso à luz, enquanto que aquela não, a não ser para os crentes na ressurreição.

Expressam estas telas, através desta simbiose dos temas do Sono, do Sonho e da Sexualidade ou das Sexualidades, um desencanto saudosista, sebastianista e bem lusíada, um profundo decadentismo, que, no entanto, ainda sonha, não com um qualquer regresso de um rei Sebastião, mas sim com a redenção através da “Santa” Sexualidade, através das “Santas” Sexualidades, aqui assaz evocadas em fundo branco manchado de tonalidades diáfanas e brandas?

Não imaginamos aqui uma celebração pessimista como a que, tendo por referência o sonho, Antero faz de si no soneto que começa “Sonho que sou um cavaleiro andante ...” e que termina “encontrei só, cheio de dor, silêncio, escuridão e nada mais”. Aqui, vislumbramos, ao contrário, um optimismo calmo, leve, quiçá epicurista, que imagina, que sonha até, no sexo, nas sexualidades, a sua redenção. É pouco para a Vida? É bastante, cremos, em particular em tempo pincelado de cinzentos e brancos como os do inverno-hoje do nosso descontentamento. E é também uma esperança porque “também” do sexo nasce a Vida. Freud, que escreveu ser o sonho uma fala do Inconsciente, ideia que nem mesmo a crise actual das psicanálises parece desmentir, e que liga estreitamente o sonho à sexualidade, talvez achasse aqui, nesta exposição à beira do nosso Mar azul e perdido, um bom motivo para uma análise, como a que faz a propósito do quadro de Da Vinci *A Virgem, o Menino Jesus e Santa Ana*. Agora, no entanto, não apenas uma analítica centrada no Artista, mas até mesmo em Nós, nos Portugueses. Porque talvez estas telas também falem de Nós? Porque talvez estas telas também falem de Nós ...

António Manuel Ferro